

INTERSECCIONALIDADE E SORORIDADE EM COMPAIXÃO, DE TONI MORRISON

INTERSECTIONALITY AND SORORITY IN A MERCY, OF TONY MORRISON

Lívine França ALVES¹

Elis Regina Fernandes ALVES²

Resumo: A pesquisa discutiu como os movimentos feministas iniciais nasceram brancos, um tanto racistas, pois não incluíram as mulheres não brancas em suas lutas. Por isso, emerge o que se convencionou chamar de feminismo negro, para um revisionismo das lutas feministas. Nos anos 1990, o termo interseccionalidade passou a ser usado para entender que as mulheres negras são interpeladas por outros fatores, como questões sociais, religiosas, sexuais, culturais. A pesquisa embasou-se em autoras como Davis (2016), hooks (2014, 2019), Crenshaw (1989,1991). *Compaixão*, romance de Toni Morrison, de 2008, pôde ser analisado à luz do feminismo negro e da interseccionalidade, nas figuras femininas cujas vidas se entrecruzam nos Estados Unidos do século XVII. Juntas, as personagens femininas Lina, Rebekka, Sorrow e Florens constroem uma vida de respeito e certa liberdade. Mas, a análise revela que isso muda com a conversão religiosa de Rebekka. Isso ocasiona a perda da sororidade entre elas e os laços se rompem, levando, ironicamente, todas as personagens a situações de insegurança e opressão. O fim da narrativa é uma metáfora do que viria a ser a escravidão negra nos Estados Unidos dois séculos depois, com mais violência, opressão, racismo e ainda menos igualdade.

Palavras-chave: Feminismo negro. Interseccionalidade. *Compaixão*. Toni Morrison.

Abstract: The research discussed how the feminist movements raised white and racists somehow, because they didn't include the non-white women in their struggles. Therefore, it was emerged what was called black feminism, for a revisionism of the feminist struggles. In the 1990s, the term intersectionality began to be used to understand that black women are interpellated by other factors, such as social, religious, sexual, cultural issues. The research based on authors such as Davis (2016), hooks (2014, 2019), Crenshaw (1989,1991). *A Mercy*, novel of Toni Morrison, from 2008, could be analyzed in light of the black feminism and the intersectionality, over the female figures whose lives intertwine in the United States of the XVII century. Together, the female characters Lina, Rebekka, Sorrow and Florens build a life of respect and certain freedom. But the analysis reveals that this changes with the religious conversion of Rebekka. This causes the loss of sorority between them and the bonds are broken, leading, ironically, all the characters to situations of insecurity and oppression. The narrative's ending is a metaphor of what would become the black slavery in the United States two centuries later, with more violence, oppression, racism and even less equality.

Keywords: Black feminism. Intersectionality. *A Mercy*. Toni Morrison.

1. Discente finalista do Curso de Letras Língua Portuguesa e Língua Inglesa do IEAA/UFAM. E-mail: livine.alves@ufam.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5595-5357>.

2. Doutora em Letras pela UNESP. Docente do Curso de Letras Língua Portuguesa e Língua Inglesa do IEAA/UFAM e do PPGL-UFAM. E-mail: elisregi@ufam.edu.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2795-8062>.

Introdução

Ao estudar os movimentos feministas, que ganharam força e evidência nos séculos XIX e XX nos Estados Unidos e na Europa, entende-se que as primeiras manifestantes por direitos de igualdade entre os gêneros foram mulheres brancas, de classe alta ou média, pois eram estas as mulheres que tinham acesso à educação e conseguiam certo espaço de fala (Davis, 2016).

Por isso, pensadoras feministas negras como Angela Davis e bell hooks teorizam o que se convencionou chamar de “feminismo negro”, principalmente entre os anos 1960 a 1980, nos Estados Unidos, por entender que os movimentos feministas nasceram brancos e racistas, já que não pensaram na situação das mulheres não brancas e acabaram por universalizar o conceito de “mulher”, como se todas as opressões sofridas por mulheres fossem as mesmas, para todas as mulheres.

O feminismo negro de Davis e hooks vem justamente desmistificar o conceito universalizante de mulher, entendendo que o que se aplica à mulher branca não é o mesmo que se aplica à mulher negra. Reforçando a necessidade de se entender a situação específica de mulheres negras e outras mulheres tornadas subalternas, Kimberle Crenshaw, em 1989, teoriza o que chamou de “interseccionalidade”, ao entender que estas mulheres são bombardeadas por questões além do sexismo, como o racismo, o classismo e questões culturais, religiosas, sexuais, dentre outros aspectos.

Neste sentido, esta pesquisa analisa a interseccionalidade e a sororidade no romance *Compaixão*, de Toni Morrison, de 2008, entendendo que as obras literárias são fruto de uma sociedade racista, sexista e classista. Objetiva-se analisar a relação entre as personagens femininas da obra para entender os laços que as unem em busca de sobrevivência nos Estados Unidos ainda colônia, nos anos 1680 a 1690.

A análise busca entender como a sororidade acaba por aproximar estas mulheres, não necessariamente se convertendo em amizade, mas no amparo mútuo diante de opressões similares e como quando a sororidade acaba, o destino delas se torna incerto. A pesquisa se ampara em autoras como Davis (2016), hooks (2014, 2019), Crenshaw (1989, 1991), Bilge e Collins (2020), para entender os conceitos do feminismo negro, interseccionalidade e sororidade para a análise da figuração das personagens femininas.

O feminismo negro e a interseccionalidade

Os primeiros movimentos feministas tiveram início com mulheres brancas, que buscaram seus direitos fundamentais, dando ênfase nas lutas por direitos ao voto, direito ao trabalho e, posteriormente, igualdade salarial e acesso à educação. Contudo, é importante ressaltar que esses primeiros movimentos foram criados baseados nas experiências das mulheres brancas de classes média e alta, deixando de incluir as experiências vividas por mulheres tornadas periféricas. Enquanto as mulheres brancas estavam protestando pelos seus direitos, as negras eram submetidas a múltiplas formas de opressão nas senzalas, enfrentando uma realidade marcada pela escravidão, discriminação racial e sexismo.

Não se quer aqui minimizar a importância destes movimentos feministas iniciais que, no século XIX, propuseram importantes debates sobre os papéis femininos. Porém, o que se percebeu é que esses primeiros movimentos não pensaram na situação das mulheres não brancas, por isso é que surgem vozes de mulheres negras no século XX, para pensar sobre a situação específica dessas mulheres. A isso, posteriormente, deu-se o nome de “feminismo negro”. O feminismo negro nasce com pensadoras feministas como Angela Davis e bell hooks, nos anos 1960 a 1980, principalmente nos Estados Unidos.

Uma das reivindicações dos movimentos feministas era o direito ao trabalho, já que as mulheres brancas, de classes média ou alta, estavam confinadas ao lar, sendo vistas como incapazes e delicadas, como pontuou Simone de Beauvoir (2009) ao teorizar sobre a suposta fragilidade feminina e sua aptidão natural para o lar e para a maternidade. Sobre isso, ironicamente, Davis descreve de maneira direta o ambiente de trabalho no qual encontrava-se a mulher negra, desde sempre, como destaca o seguinte trecho:

Proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório (2016, p. 24).

Enquanto as mulheres brancas estavam em busca do acesso ao mercado de trabalho, as mulheres negras desempenhavam atividades como trabalhos agrícolas e tarefas domésticas, já que eram escravizadas. Além disso, eram frequentemente exploradas, açoitadas e abusadas sexualmente. Assim é que surge o maior questionamento realizado pelo feminismo negro: qual era o conceito de mulher para os movimentos feministas vigentes no século XIX?

É importante ressaltar que mesmo após a abolição da escravidão, as mulheres negras continuaram sendo exploradas, muitas vezes sendo empregadas em condições precárias, mal remuneradas, executando, comumente, trabalhos como os de babás e domésticas. É flagrante a contradição entre as ideias defendidas pelos primeiros movimentos feministas, pois enquanto as mulheres brancas lutavam por seus próprios direitos, exploravam a mão de obra de mulheres negras em suas residências. Além disso, Davis destaca a situação contraditória das mulheres escravizadas:

Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas (2016, p. 25).

O trecho destaca que, por um lado, as mulheres negras para a situação de escravização eram vistas como homens, por outro, eram sexualizadas e vistas como mulheres, passíveis de serem estupradas.

Outra grande precursora do feminismo negro foi a pensadora bell hooks, que publicou, em 1981, a obra chamada *Eu não sou mulher. Mulheres negras e feminismo*, em que pensa a situação das mulheres negras no século XIX e baseia-se no discurso de uma mulher escravizada, Sojourner Truth, que conseguiu a liberdade e começou a participar de movimentos feministas e abolicionistas:

Esse homem aí há pouco disse que as mulheres precisam de ajuda para subir às carruagens e levantadas sobre as poças, e de me cederem os melhores lugares ... e não sou eu uma mulher? Olhem para mim! Olhem para os meus braços! (ela arregaçou a manga direita da camisa) ... Eu lavrei, plantei e colhi para os celeiros e nenhum homem podia ajudar-me – e não sou eu uma mulher? Eu posso trabalhar tanto quanto qualquer homem (quando eu puder fazê-lo) e ser chicoteada também – e não sou eu uma mulher? Eu dei à luz cinco crianças e vi todas serem vendidas para a escravatura e quando chorei a minha dor de mãe, ninguém senão Jesus ouviu – e não sou eu uma mulher? (hooks, 2014, p. 115).

Sojourner Truth, ex-escravizada, para muitas teóricas, pode ser considerada a primeira feminista negra, e seu discurso foi proferido em uma Conferência Anual do movimento do direito de mulheres em Akron, Ohio, em 1852. Questiona a universalização do conceito de mulher, pois, como negra, não era tratada com delicadeza, como as brancas. Trabalhou como homens, nunca pôde exercer somente o papel da maternidade, nunca lhe abriram portas de carruagens. Ela evidencia que as mulheres negras não eram vistas como mulheres, além disso há uma contradição com o discurso das mulheres brancas, já que estas questionavam os estereótipos de doçura, fragilidade, incapacidade, que não se aplicavam a uma mulher escravizada.

Excluídas dos movimentos feministas, as mulheres negras participavam de movimentos abolicionistas, mas estes pensavam a situação racial, não a de gênero. Isso evidenciou a emergência de um feminismo negro, para levar os movimentos feministas a se repensarem, mudarem, melhorarem e serem mais plurais para englobar a todas as mulheres e não universalizar o conceito de mulher.

Há a consolidação do feminismo negro, mas muitas pensadoras começaram a discutir situações que escapavam da alçada destas duas formas de exclusão. Neste sentido, a afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw, em 1989, cunhou o termo *interseccionalidade*, um conceito crucial da teoria crítica de raça, para explicar a situação de opressões múltiplas enfrentadas pelas mulheres não brancas:

A discriminação, assim como um tráfego num cruzamento, pode fluir em um sentido ou em outro. Se um acidente acontece nesse cruzamento, ele pode ser causado por carros vindo de várias direções e, às vezes, de todas elas. Da mesma forma, se uma mulher negra for ferida porque está no cruzamento, a sua lesão pode resultar tanto da discriminação sexual quanto da discriminação racial (Crenshaw, 1989, p. 149, tradução nossa)³.

3. Discrimination, like traffic through an intersection, may flow in one direction, and it may flow in another. If an accident happens in an intersection, it can be caused by cars traveling from any number of directions and, sometimes, from all of them. Similarly, if a Black woman is harmed because she is in the intersection, her injury could result from sex discrimination or race discrimination (Crenshaw, 1989, p. 149).

A interseccionalidade funciona como uma ferramenta teórica e metodológica que elucida como patriarcado, capitalismo e racismo se articulam, criando opressões diversas que incidem sobre mulheres tornadas periféricas, as não brancas. Crenshaw não foi a criadora do termo *interseccionalidade*; ela o utilizou para explicar as opressões enfrentadas por mulheres não brancas, como explicam Bilge e Collins:

As ideias centrais da interseccionalidade, como a desigualdade social, o poder, a relação, o contexto social, a complexidade e a justiça social, foram elaboradas no contexto de movimentos sociais que enfrentaram as crises de seu tempo, sobretudo os desafios de colonialismo, racismo, sexismo, militarismo e exploração capitalista. Nesse contexto, uma vez que as mulheres de cor foram afetadas não apenas por um desses sistemas de poder, mas pela convergência entre eles, elas criaram movimentos autônomos que expuseram as ideias centrais da interseccionalidade, embora usando vocabulários diferentes (2020, p. 98).

Bilge e Collins explicam que diversas outras feministas negras já discutiam como outras opressões incidiam de maneira mais profunda em mulheres não brancas, além da opressão sexista. Assim, o termo *interseccionalidade* vai além do sexismo e racismo, incluindo questões como sexualidade, classe social, idade, religião, cultura, etc.

Para aprofundar o conceito de interseccionalidade aplicado ao feminismo, Crenshaw (1991) divide a interseccionalidade em três categorias. A primeira é a interseccionalidade estrutural, que envolve as estruturas políticas e sociais que governam as mulheres não negras, segregando-as, discriminando-as, como o próprio sistema judiciário. A segunda é a interseccionalidade política, as políticas feministas e antirracistas que, paradoxalmente, contribuem para a marginalização das mulheres não brancas. Por fim, a interseccionalidade representacional explora como as mulheres não brancas são percebidas culturalmente, como a representação de mulheres não brancas negras na literatura, moda, no cinema, entre outras representações. Estas representações sociais reforçam estereótipos, em vez de combatê-los. Patricia Hill Collins e Sirma Bilge, em seu livro *Interseccionalidade*, trazem um amplo conceito de interseccionalidade:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (2020, p. 16).

Os estudos feministas negros usam a interseccionalidade em termos de teoria e método no entendimento de estruturas de poder que impactam mulheres não brancas. As identidades individuais não devem ser ignoradas, pois estas explicam opressões múltiplas e distintas, que se influenciam mutuamente. Por isso, a interseccionalidade atua como uma ferramenta de análise crítica, para a mudança dessas estruturas.

O feminismo negro surge com resposta aos primeiros movimentos feministas e as ideias da interseccionalidade aparecem como aliadas a ele, desempenhando um papel crucial na compreensão das múltiplas formas de opressão enfrentadas pelas mulheres não brancas em diferentes áreas de suas vidas.

Toni Morrison e *Compaixão*

Toni Morrison foi uma escritora, editora e professora norte-americana. Nasceu em Lorain, Ohio, nos Estados Unidos em 1931. Morrison ingressou na Howard University, em Washington, formou-se em inglês. Iniciou a carreira de escritora, tornando-se uma grande romancista afro-americana, produziu romances fascinantes que abordam a vida complexa de sujeitos negros. Entre suas mais conhecidas obras estão *O Olho Mais Azul*, (1970), seguido por *Sula* (1973), *Amada* (1987), *Jazz* (1992) e *Paraíso* (1998). Em 1993 recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. A autora trabalha com temáticas femininas, feministas, negras e escravistas, com uso da técnica narrativa do fluxo de consciência e aprofundamento dos focos narrativos (Oliveira, 2020).

Compaixão, de 2008, conta a história de quatro mulheres. Florens é uma menina negra, escravizada, de sete ou oito anos, dada como forma de pagamento de uma dívida ao fazendeiro Jacob Vaark. Ela é levada para a fazenda onde passa a conviver ao lado de três mulheres: Rebekka, a senhora branca, esposa de Jacob Vaark; Lina, uma escravizada indígena vendida a Vaark por missionários; e Sorrow, uma escravizada negra, encontrada em um navio negreiro onde todos haviam morrido. A história é retratada na década de 1680, um período do início da colonização dos Estados Unidos e ameaçado pela varíola.

A trama da obra revela que as relações entre as quatro mulheres são abaladas com a aproximação da morte do fazendeiro Jacob Vaark, pela varíola, e o adoecimento da patroa, o que afeta a convivência entre elas. Florens se torna uma adolescente e descobre o amor e o sexo, apaixonando-se por um ferreiro. Ela embarca em uma jornada para encontrá-lo para que ele ajudasse o patrão em sua doença. Sorrow havia acabado de ter uma criança, cujo pai é desconhecido. Lina tentava ajudar a patroa. A patroa, doente, se vê obcecada por seus supostos pecados religiosos. Após a morte de Vaark, a patroa é convertida à religião dos anabatistas, essa transformação faz com que Rebekka passe a tratar as outras mulheres não brancas de maneira diferente, como verdadeiras escravizadas, suas servas, inferiores, e se distancia delas.

Lina: lembrou ou inventou o significado oculto de coisas

Quando criança, Lina vivia em uma aldeia com sua família até que a varíola matou a quase todos. Foi levada pelos presbiterianos, que “ficaram satisfeitos de recebê-la, disseram, porque admiravam as mulheres nativas que, disseram, trabalhavam tão duro quanto eles, mas

desprezavam os homens nativos que simplesmente pescavam e caçavam como a fidalguia, o dia inteiro” (Morrison, 2008, p. 99). O estereótipo de preguiçoso dado aos indígenas evidencia que o homem branco não entendia que a realidade dos sujeitos primevos era viver da natureza e de tudo que ela produz: “[...] eles só podiam rezar para que o povo de Lina tivesse entendido antes de morrer que o que se abatera sobre eles era apenas o primeiro sinal de Seu desagrado” (Morrison, 2009, p. 100). Os presbiterianos acreditavam que os povos indígenas, por seguirem sua própria crença e não a religião cristã, estavam condenados ao fogo do inferno, e a ira de Deus era manifestada através de desastres “naturais”. É irônico que ignorem que o vírus da varíola havia sido trazido pelos brancos, quando colonizaram as terras do novo mundo.

A missão religiosa buscava converter os indígenas e em Lina a primeira parte de sua “salvação” vem com o batizado: “Eles a batizaram de Messalina, por precaução, mas abreviaram para Lina para demonstrar um vestígio de esperança. Temendo mais uma vez perder o abrigo, aterrorizada de ficar sozinha no mundo sem família, Lina admitiu seu status de pagã e deixou-se purificar por esses justos” (Morrison, 2009, p. 101). Por um lado, o nome “Messalina” faz referência a uma figura da Roma Antiga, uma imperatriz adúltera e sexualmente pervertida. Por outro lado, ao usarem o apelido Lina, parece que poderia ter uma chance de recomeçar, se fosse convertida à religião branca, afastando-se de sua crença e de sua vida pregressa de pecado, não se tornando plenamente “Messalina”.

Essa situação faz de Lina uma mulher atravessada por opressões interseccionais. Ela sofre por ser mulher, sendo vista como impura e pecadora, uma “messalina”. Sofre também por ser indígena, naturalmente destinada ao inferno por adorar ao deus errado. Assim, sua inferiorização não é apenas de ordem sexista, mas, também, racial. Mesmo tendo assumido o status de religiosa e fazendo orações diárias, aos olhos dos presbiterianos isso não bastava e ainda a viam como Messalina, pecadora, impura e a vendem como escravizada.

Quando Lina tinha catorze anos, Jacob Vaark a comprou e a levou para a fazenda. O anúncio de venda de Lina dizia que ela era “Moça forte, cristianizada e capaz em todo trabalho doméstico disponível em troca de bens ou espécie” (Morrison, 2009, p. 106). A contradição do discurso religioso dos presbiterianos se evidencia aqui, pois veem Lina como pecadora, incapaz de ser incorporada ao seu grupo, mas totalmente capaz para serviços domésticos e não hesitam em ganhar dinheiro com ela. Era pecado não ser cristão, mas não era pecado vender pessoas. Além disso, o anúncio reforça a capacidade doméstica de Lina, numa alusão aos papéis femininos comuns na época: trabalhos do lar.

Na rotina de Lina na fazenda, o narrador destaca que possuía habilidades e conhecimentos sobre agricultura: “Lina não sabia muita coisa, mas sabia, sim, como ele era mau fazendeiro” (Morrison, 2009, p. 103). Ela entende mais dos cuidados da fazenda do que Jacob, evidenciando que a mulher indígena, vista como “selvagem”, é mais sábia do que um fazendeiro europeu. Nisso, há uma contradição, pois na visão da sociedade patriarcal mulheres indígenas são inferiores a qualquer homem branco.

Longe das imposições religiosas, Lina, na fazenda, fortifica-se dos ensinamentos que sua mãe lhe tinha passado: “Contando com a memória e seus próprios recursos, ela emendou ritos esquecidos, misturou medicina Europa com nativa, escritura com lendas, e lembrou ou inventou o significado oculto de coisas” (Morrison, 2009, p. 102). Lina se reinventa, criando suas próprias crenças, aproveitando de cada cultura aquilo que julgava bom para si. Também se nota sua conexão com a natureza: “Ela crocitava com os pássaros, conversava com as plantas, falava com esquilos, cantava para a vaca e abria a boca para a chuva” (Morrison, 2009, p. 102). Irônico é que Lina tenha se tornado uma mulher mais livre, agora que era escravizada.

Porém, ela internaliza certos costumes patriarcais, escravistas e colonialistas dos presbiterianos. Era julgamentosa com Sorrow, escravizada negra, a quem ela desprezava e achava inútil, indicando que, intimamente, aceitou a visão escravizadora. Da mesma forma, julga Florens quando esta começa a ter inclinações amorosas pelo ferreiro. Não queria que Florens desenvolvesse sua sexualidade, pois parece achar que isso é incorreto e impuro, refletindo o pensamento patriarcal dos presbiterianos.

Vivendo na companhia apenas de Vaark, se sentia solitária. Quando Rebekka, a esposa trazida da Europa, chega na fazenda, causa incômodo em Lina: “Quando a esposa europa desceu da carroça, a hostilidade entre elas foi instantânea. A saúde e a beleza da moça jovem já encarregada incomodaram a esposa nova; enquanto a pretensão a autoridade da moça europa esquisita deixou Lina furiosa” (Morrison, 2009, p. 107). Lina inicialmente não gosta da patroa, talvez por uma animosidade feminina incitada pelos costumes religiosos cristãos que, de maneira geral, querem que não haja união feminina, para impedir que as mulheres se fortaleçam, mas as duas se unem após pouco tempo. Isso fortalece a fazenda, a casa e a vida das duas. Portanto, metaforicamente, isso representa que só a sororidade pode melhorar a vida das mulheres, conforme afirma bell hooks (2014), que enfatiza a ideia de união entre as mulheres.

Rebekka: O coração dela é infiel

Rebekka, esposa de Jacob Vaark, veio de navio da Europa. Logo, ao desembarcar, carrega duas caixas e uma bolsa pesada, o que não parece ser algo difícil para ela. O narrador descreve a busca de Jacob por uma esposa capaz de ajudá-lo na propriedade:

Valeu cada dia da longa procura tornada necessária porque assumir a propriedade exigia uma esposa, e porque ele queria certo tipo de parceria: uma mulher que não fosse de igreja, em idade de ter filhos, obediente, mas não submissa, alfabetizada, mas não orgulhosa, independente, mas doméstica. Rebekka era ideal. Não havia um osso de megera em seu corpo. Ela nunca levantava a voz com raiva. Cuidava das necessidades dele, fazia os bolinhos mais macios, entregou-se ao trabalho numa terra completamente estranha a ela com entusiasmo e criatividade, alegre como um passarinho (Morrison, 2009, p. 27).

Jacob faz exigências para ter uma esposa ideal, mas nota-se um paradoxo: por não ser um homem típico de seu tempo, machista e violento, diferentemente dos outros homens da época, não quer uma esposa submissa, mas uma companheira de trabalho e alfabetizada. Também quer uma esposa que faça trabalhos domésticos, mas não a esposa típica submissa que muitos homens desejavam. Rebekka parece a esposa ideal para Vaark, não muito delicada, incapaz, indefesa ou religiosa. Enquanto Jacob viajava, Rebekka cuidava da fazenda. Ao mesmo tempo, porém, há certa objetificação da esposa, pois Vaark quer que esta seja obediente, doméstica, que tenha filhos. Embora esteja um pouco à frente de seu tempo em sua sociedade patriarcal, ainda vê a mulher em termos de utilidade prática. Assim, lembramos que a crítica feminista sempre apontou que as mulheres são objetificadas, sexualmente, como mães, donas de casa ou objetos estéticos.

Embora seja uma mulher também atípica para a época, pois não era religiosa e nem delicada como se esperava das mulheres brancas, europeias, Rebekka internalizou certas regras patriarcais, como se nota em sua necessidade de ser mãe:

Mas ela pariu quatro bebês saudáveis, viu três sucumbirem em idades diferentes a uma ou outra doença, e depois viu Patrician, sua primogênita, que chegou à idade de cinco anos e forneceu uma felicidade em que Rebekka não conseguia nem acreditar, jazer em seus braços durante dois dias antes de morrer de cabeça quebrada. [...]

Depois de Patrician, cada vez que Rebekka dava à luz, ela esquecia a amamentação anterior interrompida muito antes do tempo de desmame. Esquecia os peitos ainda vazando, ou mamilos prematuramente encoscorados e sensíveis demais para roupas de baixo. Esquecia também como podia ser rápida a viagem do berço ao caixão (Morrison, 2009, p. 137;147-148).

O anseio de Rebekka por ser mãe representa o papel social que é atribuído para as mulheres. Ela acaba internalizando a ideia de que a maternidade é a principal forma de realização feminina. Beauvoir (2009) já criticara, em *O segundo sexo* (de 1949), como a maternidade é construída socialmente, através das ideias patriarcais, como o destino e o grande papel da mulher, o que limita sua liberdade e transcendência.

Rebekka, apesar de ser mulher branca, parece não nutrir grandes preconceitos contra Lina e suas escravizadas negras: “A disputa fraudulenta não valia nada numa terra tão exigente. Além disso elas eram companhia uma para a outra e aos poucos descobriram uma coisa muito mais interessante do que status. Rebekka ria alto dos próprios erros; não tinha vergonha de pedir ajuda” (Morrison, 2009, p. 107). Nota-se a relação amistosa entre as personagens Rebekka e Lina, algo incomum, pois mesmo nesse início da escravidão nos Estados Unidos, os sujeitos negros e indígenas já eram vistos como inferiores. A relação entre as duas pode ser vista como uma idealização no romance, pois ele figura como poderia ter sido a relação entre brancos, negros e indígenas, mas, na prática, não era assim. Morrison parece idealizar, na ficção, aquilo que bell hooks teorizava no início das discussões do feminismo negro, a ideia de que só a sororidade entre mulheres brancas e não brancas pode levar a uma sociedade mais justa, menos sexista, menos desigual.

Inicialmente, Rebekka não era uma mulher devota. Quando fica doente pela varíola, os anabatistas começam a ter reuniões com ela, que passa a acreditar que perdeu os filhos por não ter adotado a religião, que Deus lhe havia castigado. Os anabatistas também a manipulavam para que adotasse pensamentos preconceituosos sobre os indígenas e africanos: “Níveis de pecado, em outras palavras, e pessoas inferiores. Nativos e africanos, por exemplo, tinham acesso à graça, mas não ao céu – um céu que eles conheciam com a mesma intimidade com que conheciam seus jardins” (Morrison, 2009, p. 162). Notamos a transformação de Rebekka, no decorrer da narrativa:

A certa altura, Sorrow, levada pela legitimidade de seu novo status de mãe, teve a ousadia de observar para sua Patroa: “Foi bom o ferreiro vir ajudar quando a senhora estava morrendo”. A Patroa a encarou. “Bobagem”, ela respondeu. “Só Deus cura. Nenhum homem tem esse poder.” Sempre houvera cordões emaranhados entre elas. Agora estavam cortados. Cada mulher interditava a si mesma; tecia a própria trama de pensamentos não disponíveis para ninguém mais. Era como se com ou sem Florens, elas estivessem se afastando umas das outras (Morrison, 2009, p. 207).

A mudança religiosa de Rebekka faz mudar o tratamento e a relação com Lina e as escravizadas. Ela não se importa mais com as demais mulheres, afasta Lina e sua amizade, começa a tratar a todas com ares de superioridade, pois se vê como a única digna de Deus. Os “cordões emaranhados” simbolizam que os laços emocionais e a conexão que um dia existiram entre elas foram cortados. Ela não permite mais a presença das demais dentro de casa: “Ela reza muito. Ela faz nós todos, Lina, Sorrow, a filha de Sorrow e eu, não importa o tempo, dormir ou no estábulo ou no depósito onde estão tijolos corda ferramentas tudo quanto é resto de construção” (Morrison, 2009, p. 231). A mudança de Rebekka faz-nos refletir que os sujeitos brancos, por meio de sua religião, impõem regras, e quem não as seguem são vistos como errados e condenados. Essa situação evidencia como as mulheres não brancas são atravessadas por opressões interseccionais. Rebekka é vista como frágil, alguém que precisa de ajuda, mantendo certo privilégio por ser branca. As demais, além de opressões sexistas, sofrem também por não serem brancas. Elas são tratadas como inferiores, até animalizadas, numa convergência de opressões.

A personagem, com o status de mulher devota, não tem pena de deixar as escravizadas de sua fazenda passando frio, não sente remorso: “A Patroa não liga para o frio que faz lá fora nem está lembrada do que a friagem da noite faz para um bebê. A Patroa curou mas não está bem. O coração dela é infiel” (Morrison, 2009, p. 231). Esse é o pensamento de Florens que evidencia, de forma irônica, que embora seja religiosa, ela era cruel. Ou seja, a religião não torna, obrigatoriamente, as pessoas melhores. Embora, inicialmente, houvesse certo companheirismo entre elas, à medida em que Rebekka se transforma em uma fanática religiosa, ela acaba se afastando e adotando uma postura autoritária, oprimindo as demais mulheres. A sororidade entre elas havia acabado, sem esta sororidade, as mulheres estão sujeitas a oprimir umas as outras.

Sorrow: Meu nome é Complete, Completa.

Sorrow era uma escravizada negra, quando criança foi a única sobrevivente de um naufrágio. Estava em um navio negreiro, parecia ser filha do capitão, mas isso é vago. Esse tipo de embarcação era utilizado para o tráfico de escravizados trazidos do continente africano, comércio que crescia na América de então. Sozinha e quase enlouquecendo, criou uma gêmea imaginária para lidar com os traumas que vivenciou. “Twin veio juntar-se a ela debaixo da rede e ficaram juntas desde então” (Morrison, 2009, p. 183). A criação de Twin é uma metáfora para o trauma que ela sofreu. Essa gêmea imaginária representa, ainda, de forma ampla, o trauma da escravidão.

Resgatada, foi levada para a casa do serrador. A dona da casa a batizou de Sorrow, tristeza. Não conseguia realizar as tarefas domésticas e foi vendida para Vaark. Além de sua escravidão, nota-se que Sorrow passou por algum tipo de abuso sexual na casa:

A dona de casa lhe disse que era o sangue menstrual; que todas as mulheres passavam por isso, e Sorrow acreditou nela até o mês seguinte, e o seguinte, e o seguinte, quando o sangue não voltou. Twin e ela conversaram a respeito, se isso então era o resultado das coisas que aconteciam atrás da pilha de tábuas, os dois irmãos presentes, em vez do que a dona de casa tinha dito. Porque a dor estava fora entre as pernas, não dentro como a dona de casa disse que era natural. A dor ainda estava lá quando o serrador pediu para o Patrão levá-la embora, dizendo que a esposa não podia ficar com ela (Morrison, 2009, p. 186).

No trecho, o narrador revela que Sorrow era vítima de abuso sexual pelos filhos do serrador. A opressão de Sorrow tem viés interseccional: é racial e sexual. A representação da personagem reflete as experiências vivenciadas por mulheres escravizadas, que além de trabalharem incansavelmente, ainda sofriam abusos sexuais.

Já na fazenda, a patroa e Lina não gostam de Sorrow: “Quando o Patrão trouxe Sorrow para casa, as mulheres residentes eram uma frente unida no desânimo. Para a Patroa ela era inútil. Para Lina era a má sorte em pessoa” (Morrison, 2009, p. 108). Novamente, a opressão sofrida por ela é interseccional: sendo negra e mulher, devia ter “utilidade” prática nos serviços domésticos da fazenda. Lina não tem nenhuma confiança na menina: “Se tivessem verdadeira visão, jamais manteriam Sorrow tão próxima” (Morrison, 2009, p. 109). A forma como Lina tratava Sorrow traz a ideia de que ela internalizou o papel de opressora. Durante seu tempo com os presbiterianos, Lina parece ter absorvido a ideia de oprimir o oprimido, refletindo essa ideia em sua relação com Sorrow. Tal trecho mostra que ser mulher não significa igualdade de posições, pois dentro da classe “gênero”, há hierarquias nas posições ocupadas juntos aos brancos.

Embora Lina não tivesse uma boa relação com Sorrow, foi ela quem revelou a primeira sua gravidez, resultado do abuso sofrido enquanto vivia na casa do serrador. “Você sabe que está com menino, menina?” (Morrison, 2009, p. 190). A fala de Lina é muito simbólica, por Sorrow, ainda muito jovem, uma *menina*, ser mãe de outra criança. Era algo naturalizado na época, pois as mulheres escravizadas eram estupradas desde muito cedo, vistas como reprodutoras, muitas vezes. O primeiro bebê de Sorrow não sobrevive, mas uma segunda gravidez ocorre, embora o

leitor não seja informado da paternidade dessa criança. Neste segundo momento, há a superação do trauma de Sorrow:

Twin tinha ido embora, sem deixar traço e sem fazer falta à única pessoa que a conhecia. As fugas de Sorrow pararam também. Ela agora atendia a deveres de rotina, organizava-os em torno das necessidades do bebê, impávida às reclamações das outras. Tinha olhado nos olhos de sua filha; visto neles o brilho cinzento de um mar de inverno enquanto um navio velejava a barlavento. “Eu sou sua mãe”, disse. “Meu nome é Complete, Completa.” (Morrison, 2009, p. 203).

Há uma bela metáfora referente à superação do trauma de Sorrow. Com linguagem poética, o narrador mostra a mudança de seu nome, ela se torna completamente independente e lúcida após a partida de Twin. Sua gêmea imaginária fora criada quando estava sozinha no navio, como uma maneira de desviar a atenção de sua situação enlouquecedora. Nota-se um toque de simbolismo quando ela proclama seu nome verdadeiro, “Complete”, completa. Com nascimento do bebê, este toma o lugar da gêmea, tornando Sorrow completa. É como uma catarse. Sorrow, oprimida de formas entrecruzadas pelo racismo, pelo sexismo, pela pobreza, se torna *completa* na maternidade e passa a não ser mais *tristeza*.

Florens: *Você diz que eu sou ferocidade. Eu sou.*

Florens, uma escravizada negra, foi levada para a fazenda depois de uma negociação de uma dívida de um fazendeiro português chamado D’Ortega com Jacob Vaark. D’Ortega não tem dinheiro e oferece uma escravizada, mas quando Jacob escolhe uma mulher com um bebê de colo, esta implorou para que não a levasse, pois ainda amamentava. Pediu que levasse Florens, sua filha, de cerca de 7 anos. A escravidão era brutal para os homens, mas para as mulheres, a situação era pior. Além de serem escravizadas e tratadas como animais, elas enfrentavam múltiplas formas de violência, como a violência sexual e a venda de seus filhos. O narrador destaca uma cena em que parece que Ortega, o português, estuprava a mãe de Florens:

Jacob aproximou-se da cozinha e viu uma mulher parada na porta com duas crianças. Uma montada no quadril; uma escondida atrás das saias. Ela parecia bastante saudável, mais bem alimentada que os outros. Num repente, mais para silenciá-lo e quase certo de que D’Ortega ia recusar, ele disse: “Ela. Essa aí. Levo essa”.

D’Ortega imobilizou-se, um ar perplexo no rosto. “Ah, não. Impossível. Minha mulher não deixaria. Não pode viver sem ela. É nossa cozinheira principal, a melhor.”

Jacob chegou mais perto e, reconhecendo o suor tocado de cravo, desconfiou que fosse mais que a cozinha que D’Ortega perderia (Morrison, 2009, p. 72).

A violência interseccional sobre mulheres negras envolvia mais do que o sexismo que mulheres brancas enfrentavam. Enquanto Rebekka, a esposa de Vaark, era vista como cuidadora de casa, cozinheira, mãe, em opressões patriarcais sobre seu gênero, uma mulher como a mãe de Flo-

rens sofria opressões mais desumanizadoras, pois trabalhava sem pagamento, em duras condições de vida, sendo escravizada; sofria estupros por parte de seus escravizadores e ainda era obrigada a oferecer sua filha, uma criança, para impedir que esta também sofresse os abusos do patrão:

[...] Sua voz era pouco mais que um sussurro, mas não havia dúvida quanto à sua urgência. “Por favor, senhor. Eu não. Leve ela. Leve minha filha.” Jacob desviou o olhar dos pés da criança e olhou para ela, a boca ainda cheia de riso, e foi tocado pelo terror nos olhos dela (Morrison, 2009, p. 75).

Vaark, que não queria escravizados, muito menos uma criança, sente “pena”, pois percebe o medo na mãe de Florens. A necessidade de escolher qual filho doar demonstra a falta de perspectivas para as mulheres escravizadas. A mãe, ao implorar que Vaark levasse a menina, imagina que sua vida poderia ser menos pior do que a que teria ali. Ao fim do romance, o narrador traz o foco narrativo para a mãe de Florens:

Uma chance, eu pensei. Não existe proteção, mas tem uma diferença. Você ficou lá com aquele sapato, o homem alto riu e disse que levava eu para pagar a dívida. Eu sabia que o Senhor não ia deixar. Eu disse você. Levasse você, minha filha. Porque eu vi que o homem alto via você como uma criança humana, não como moeda. Ajoelhei na frente dele. À espera de um milagre. Ele disse sim. Não foi um milagre. Bendito seja Deus. Foi uma compaixão. Oferecida por um homem. Eu fiquei de joelhos (Morrison, 2009, p. 240).

Essa cena demonstra claramente a dor de uma mãe escravizada ao ter que entregar a própria filha, com esperança de que tivesse um futuro um pouco melhor. As opressões interseccionais que afetam mulheres escravizadas revelam que nem sequer a maternidade era algo visto como sagrado para a mulher negra. O título do romance se explica neste trecho, quando a mãe vê a atitude de Vaark como compaixão, por ver sua filha como um ser humano. Ela sabe que não há proteção para mulheres como elas, mas poderia haver um pouco menos de sofrimento e talvez com Vaark sua filha tenha a vida menos pior do que a sua. A ironia reside no fato de esta compaixão vir de um homem.

Já na fazenda, Florens é adotada por Lina, que a vê como filha e a protege. A menina cresce e chega na adolescência sem sofrer estupros. No entanto, Lina não aceita a “liberdade” de Florens, quando esta se apaixona:

De qualquer modo, queria protegê-la, [...] estava decidida a ser uma muralha entre Florens e o ferreiro. Desde que ele viera, havia na menina um apetite que Lina reconhecia como o que tivera um dia. Um desejo choroso além do sentido, sem consciência. O corpo jovem falando em sua única linguagem de sua exclusiva razão para viver na terra (Morrison, 2009, p. 116).

Logo no começo, notamos que Lina protege Florens de várias maneiras e deseja que ela permaneça sempre como uma criança. Lina age como uma mãe, mesmo sem ter filhos. Mesmo não sendo branca, ela internaliza a ideia da maternidade tão comum às mulheres brancas. Acredita que seja seu dever resguardar a castidade da filha menina, algo aprendido, em parte com os presbiterianos, em parte com a patroa branca.

Florens, ainda muito jovem, apaixonada, não compreende que Lina tentava ajudá-la. Há sororidade da parte de Lina, que deseja que Florens não se perca atrás de um amor impossível, mas sua maneira brusca afasta a menina. Ao partir em busca da ajuda do ferreiro para ajudar Vaark, que caíra doente de varíola, ela aproveita a ocasião para imaginar sua vida ao lado do ferreiro, pois crê firmemente que só ao lado dele poderia ser feliz. “Minha viagem até você é difícil e longa, e a dor dela desaparece assim que vejo você no pátio” (Morrison, 2009, p. 204). Parece ter internalizado ideias patriarcais sobre a necessidade de um homem para sua completude. Mas, quando Florens encontra o ferreiro, se vê enciumada da criança que ele cria como filho.

Você diz é por causa disto que eu não posso viajar com você. A criança que você chama de Malaik não pode ficar sozinha. [...] Me preocupa quando o menino chega perto de você. Você oferece e ele fica dono do seu dedo. Como se ele é seu futuro. Não eu. Não estou gostando como ficam os olhos dele quando você o manda brincar no pátio (Morrison, 2009, p. 204).

Florens havia imaginado que o ferreiro tinha um lugar somente a seu lado. A reação de Florens revela um desejo desesperado por amor, algo que ela perdeu ao ser separada de sua mãe. Por isso, se apega rapidamente a este homem. Isso expressa o trauma da separação da mãe. Como Lina sabia, o ferreiro nada queria com Florens, ela fora uma relação sexual casual. Florens se ressentida, ataca o menino. O ferreiro a expulsa. Ao perder o ferreiro, começa a refletir sobre sua vida:

Mas meu rumo é claro depois de perder você que eu penso sempre como minha vida e minha segurança contra o mal, contra qualquer um que olhe de perto para mim só para me jogar fora. Contra todos os que acham que têm direito de mando sobre mim. Eu não sou nada para você. Você diz que eu sou ferocidade. Eu sou (Morrison, 2009, p. 229).

A perda do ferreiro faz com que ela tenha sua autodescoberta como mulher e que seja livre da ideia de um homem para ser feliz. Florens parece passar a ter reconhecimento do seu próprio valor e parece determinada a não mais aceitar que ninguém a trate como propriedade ou como descarte. Metaforicamente, sem ouvir sua mãe há anos, parece ter entendido seu conselho: “[...] ganhar o domínio sobre outra pessoa é uma coisa dura; impor domínio sobre outra pessoa é errado; dar o domínio de si mesma para outro é uma coisa má” (Morrison, 2009, p. 240). Ao assumir que seja “ferocidade”, Florens internaliza que não mais se deixará ser atacada, diminuída, usada.

Além disso, ela reflete sobre a sua infância e passa por um processo de desenvolvimento de si e rememora quando, muito criança, não podia ficar sem sapatos: “Quando criança eu não consigo nunca ficar descalça e sempre imploro por sapatos, sapatos de qualquer um, mesmo nos dias mais quentes. Minha mãe, a minha mãe” (Morrison, 2009, p. 7). O trecho é lírico e simbólico, traz a ideia de que logo na infância a personagem não consegue ficar descalça e precisa usar sapatos, numa metáfora de proteção. Adulta, buscou a proteção no amor do ferreiro.

[...] Está vendo? Você está certo. A minha mãe também. Eu virei fúria mas também sou Florens. Completa. Imperdoada. Imperdoável. Sem piedade, meu amor. Nenhuma. Ouviu? Escrava. Livre. Enfim. Vou guardar uma tristeza. [...] Mãe, você pode ter prazer agora porque as solas dos meus pés estão duras feito madeira de cipreste (Morrison, 2009, p. 234).

No trecho, notamos a linguagem poética usada para descrever a cena de ascendência da personagem para seu amadurecimento. Depois da busca pelo amor e pela sexualidade, ela percebe que não precisa daquele homem para ser feliz. No processo de busca, compreende-se como mulher, se torna livre, embora, paradoxalmente, escravizada. Passa a ser Fúria também, sendo Florens ainda, ou seja, aprendeu, não se perdeu. A partir daquele momento as solas dos pés dela estão duros, trazendo a simbologia do amadurecimento e endurecimento da personagem, não precisa mais de sapatos, de proteção, como não precisa mais do ferreiro.

O destino das personagens: Os sorrisos todos sumiram.

Ao analisar as trajetórias das quatro personagens femininas do livro de Toni Morrison, destacamos que a união entre as mulheres e a sororidade entre Lina, Rebekka, Sorrow e Florens proporcionou uma vida menos pesada. Mesmo sendo escravizadas, Lina, Sorrow e Florens tinham mais liberdade na fazenda de Vaark do que antes. Rebekka, mesmo vivendo em uma época bastante patriarcal e numa região um tanto inóspita, conseguia ter uma vida mais plena do que a maioria das mulheres de então.

Lina sempre foi vista como pecadora pelos presbiterianos, portanto, sua vida foi marcada por imposições, cerceada por repressões interseccionais. Ela, uma mulher indígena, foi forçada a adotar a religião cristã. O medo de ficar sozinha no mundo a levou a aceitar tais imposições. A vida com os presbiterianos desconstruía sua verdadeira identidade. Já na fazenda, Lina encontrou a liberdade de seguir suas próprias crenças.

A mãe de Florens, também escravizada, enfrentava a exploração e os abusos sexuais do senhor. Florens poderia ter o mesmo futuro que sua mãe, uma vida cheia de exploração e abusos. Mas, quando chega na fazenda, com a presença de Lina como figura materna, tem seu destino mudado. Se redescobre depois de ser usada por um homem e cresce, floresce.

Sorrow foi sempre vista como uma escravizada inútil por não ser boa nos serviços domésticos. Foi escravizada em um navio por muito tempo e depois passou a ser vítima de abusos sexuais. No entanto, ao mudar-se para a fazenda, consegue aos poucos superar o trauma do abandono, da morte e das explorações sexuais e se vê como “completa” na maternidade.

Evidencia-se, como já havia pensado bell hooks (2019), que a sororidade pode melhorar a vida das mulheres. As relações entre elas não eram exploratórias tanto quanto haviam experienciado anteriormente. No entanto, esses laços são rompidos quando Rebekka é tomada por um fanatismo religioso após a morte de Vaark. Esta mudança figura como uma grande metáfora para representar a ideia do que viria a se tornar a escravidão nos Estados Unidos entre os sécu-

los XVIII e XIX, que se tornou uma grande empreitada capitalista, transformando a escravidão negra em algo ainda mais cruel, violento e desumanizado.

Notamos que quando não há sororidade, o vínculo de empatia e o companheirismo entre elas se desfaz. Sobre isso, destaca-se o trecho: “Um dia haviam pensado que eram uma espécie de família, porque juntos tinham esculpido o isolamento em companheirismo. Mas a família que imaginaram ser era falsa. Fosse o que fosse que cada um amasse, buscasse ou evitasse, seus futuros estavam separados e ninguém sabia qual era” (Morrison, 2009, p. 228). A visão fatalista de Scully, trabalhador ocasional da fazenda, revela que os laços realmente foram rompidos, as linhas (já emaranhadas) deixaram de existir e a ideia de família fora uma ilusão.

Esta pesquisa entendeu que as personagens não brancas da obra *Compaixão* refletem as realidades vivenciadas por mulheres não brancas da época, demonstrando as múltiplas opressões que elas enfrentam. Antes da mudança de Rebekka, as mulheres tinham laços de sororidade que as ajudavam a sobreviver naquele ambiente. A conversão religiosa de Rebekka fez com que os laços de união entre elas sejam cortados. Sem a sororidade entre as mulheres, uma acaba oprimindo a outra. Morrison faz uma crítica ao esquema escravocrata que marginalizaria, escravizaria e mataria pessoas negras séculos depois de forma mais contundente e cruel nos Estados Unidos.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. 2 livros. Trad. Sérgio Milliet. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BILGE, Sirma; COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.
- CRENSHAW, Kimberle. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. **Stanford Law Review**, Vol. 43, No. 6 (Jul., 1991), p. 1241-1299.
- CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **University of Chicago Legal Forum**: Vol. 1989: Iss. 1, Article 8. p. 139-167.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- hooks, bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. Tradução Bhuvi Libânio. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2014.
- hooks, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. Trad. Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- MORRISON, Toni. **Compaixão**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- OLIVEIRA, Natalia Fontes de. Mulheres negras em diáspora: a sororidade nas obras de Toni Morrison. **REVELL**. v.1, nº.24 – janeiro – abril de 2020. p. 304-331.